

ESPIRITUALIDADE EM AMBIENTE ESCOLAR: COMUNIDADE COMO HORIZONTE DE UMA ESPIRITUALIDADE LAICA

Spirituality in a school environment:
community as horizon of a secular spirituality

Clayton dos Santos Machado¹

RESUMO

Este trabalho trata de uma reflexão sobre a espiritualidade em ambiente escolar, compreendendo que a religião na modernidade dissolveu-se em diferentes expressões institucionais e ao longo do tempo tem se dispersado em áreas amplas da cultura, alcançando também as instituições de ensino. Buscou-se inicialmente situar o tema “espiritualidade no ambiente escolar”, considerando a diferença entre religião e espiritualidade, em diálogo com teóricos da religião, educação e militantes do movimento na tentativa de pensar a espiritualidade como uma dimensão humana, não de forma proselitista, mas laica, apresentando os principais pressupostos que norteiam o “movimento”. Finalmente discutiu-se a relevância do movimento no contexto escolar e suas possíveis contribuições explorando teóricos, tais como: Martin Buber, Zygmunt Bauman, Luc Ferry, Umberto Galimberti, Leonardo Boff e Kivitz. Esses autores contribuem para propor-se uma perspectiva escolar humanizadora, capaz de identificar o ideal de comunidade e a integração do humano como as melhores expressões de uma espiritualidade laica, fundada na consciente sacralização do humano.

Palavras-chave: Espiritualidade; Ambiente Escolar; Comunidade.

ABSTRACT

This work deals with a reflection on spirituality in a school environment, understanding that religion in modernity has dissolved into different institutional expressions and over time has

1 Possui graduação em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil (2010); Especialização em Gestão Estratégica de Pessoas pela Universidade Tuiuti do Paraná (2011); Docência no Ensino Superior pelo Centro Universitário Uninter (2012); Licenciatura em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2013); Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano (2019); Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (2016) com experiência em Gestão Escolar, bem como na Coordenação Acadêmica de Cursos no Ensino Superior; Atuando também como docente nas áreas de Teologia, Filosofia e Pedagogia. E-mail: clayton.machado@fbmg.edu.br



dispersed into broad areas of culture, also reaching educational institutions. Initially, we sought to situate the theme “spirituality in the school environment”, considering the difference between religion and spirituality, in dialogue with theorists of religion, education and movement activists to think of spirituality as a human dimension, not in a proselytizing way, but secular, presenting the main assumptions that guide the “movement”. Finally, the relevance of the movement in the school context and its possible contributions were discussed, exploring theorists such as: Martin Buber, Zygmunt Bauman, Luc Ferri, Umberto Galimbert, Leonardo Boff and Kivitz. These authors contribute to proposing a humanizing school perspective, capable of identifying the ideal of community and the integration of the human as the best expressions of a secular spirituality, founded on the conscious sacralization of the human.

Keywords: spirituality; school environment; community.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se propõe a refletir sobre o tema espiritualidade no contexto escolar, especificamente como um elemento pedagógico na construção da comunidade escolar, partindo do pressuposto de que a religião na modernidade diluiu-se em diferentes expressões institucionais e ao longo do tempo tem se dispersado em áreas amplas da cultura, alcançando também as diversas organizações, entre elas, a escola. Nesse sentido, busca inicialmente considerar a diferença entre religião e espiritualidade, em diálogo com teóricos da religião e militantes do movimento na tentativa de pensar a espiritualidade como uma dimensão humana – não de forma proselitista, mas laica – e discute os principais pressupostos que norteiam o “movimento”.

Nessa perspectiva algumas questões orientaram este trabalho de pesquisa, como por exemplo: em que sentido a espiritualidade e os elementos que ela carrega podem ser relevantes na prática pedagógica? Diante de muitas transformações ocorridas na história da humanidade, e o reflexo delas no mundo contemporâneo, outros questionamentos surgem, quais sejam: qual a influência da modernidade na religião e, conseqüentemente, na concepção de ser humano? Qual o significado da espiritualidade humana no contexto pós-moderno? Como implantar um ambiente de aprendizagem que atenda aos anseios das legislações e dos parâmetros curriculares, por um lado, e possibilite a construção do humano por meio de seu aprendizado, por outro. Como traduzir a experiência com o sagrado em um comportamento ético que se manifeste cotidianamente no ambiente escolar?

Não se pode ignorar o fato de que se observa, numa intensidade cada vez maior, um movimento de questionamento e resgate de valores, diante de uma sociedade individualizada e desumanizante. Segundo Leonardo Boff (1999. p. 18), vivemos uma crise civilizacional, marcada pelo descuido, descaso e abandono, elementos capazes de comprometer a construção da identidade humana. Assim, nossa cultura – amplamente

celebradora do caráter efêmero das coisas — favorece a fragmentação das biografias, o que também acaba por instaurar uma crise de sentido do espaço escolar. A busca pela espiritualidade e suas diferentes formas de mediação e expressão têm, ainda que discretamente, emergido como possibilidade de resposta nesta busca no resgate de valores éticos-morais que se materializem

Na tentativa de uma fundamentação teórica, a presente pesquisa recorreu às contribuições de um grande pensador do século XX chamado Martin Buber, que figura entre aqueles que se apresentam como críticos da modernidade. Em Buber encontramos um conceito importante que, de certa forma, pode ser considerado relevante para o contexto da escola. Trata-se da relação entre coletividade e comunidade. Apesar de muitas vezes identificarmos essas palavras como sinônimas, para o filósofo existe uma grande diferença entre elas. Coletividade nos remete a um grupo de pessoas devidamente enfileiradas, que movidas por metas e objetivos em comum deslocam-se para os seus ideais. Por outro lado, Buber propõe que a comunidade seja vista numa perspectiva ontológica, que seja compreendida como resultado de seres humanos que reconhecem a sua vocação. Ou seja, a comunidade para o autor configura-se como elemento constitutivo do ser, sem o qual, obviamente, não há ser humano. Nesse sentido, não é apenas o agrupamento de pessoas movidas e enfileiradas rumo a um objetivo comum, mas, sim, um encontro que se caracteriza por *estar-um-com-o-outro* e não mais *um-ao-lado-do-outro*, como acontece na coletividade. Esse *dirigir-se-um-ao-outro* se caracteriza por ser um face-a-face dinâmico, ou seja, um fluir do Eu para o Tu que aumenta e confirma a existência no interior da reciprocidade.

Portanto, a espiritualidade insere-se no ambiente escolar como algo que poderá proporcionar transformações éticas no contexto das escolas, abrangendo aspectos, tais como, honestidade, bondade, integridade, dentre outros, o que acaba por promover interconectividade e trabalho em equipe.

O autor da presente pesquisa parte de sua própria experiência na área educacional como Professor no Ensino Fundamental e Superior, bem como coordenador na rede municipal de Vila Velha/ES, além de sua inserção num contexto religioso específico. A partir dessa experiência, percebeu-se a ausência de uma espiritualidade que se materialize no comportamento ético nas relações diárias no ambiente escolar. Portanto, se justifica também a partir da consciência dessa fragmentação do ser humano verificada no mundo contemporâneo, donde se percebe com frequência certo dualismo na relação entre religião e vida secular (escola e trabalho).

Por fim, procurou-se através deste trabalho investigativo mensurar em primeiro lugar as possíveis contribuições da espiritualidade laica no ambiente escolar; posteriormente em segundo lugar, identificar como implantar um ambiente de aprendizagem que atenda aos anseios das legislações e dos parâmetros curriculares, por um lado, e possibilite a

construção do humano por meio da interação de elementos comuns da espiritualidade, por outro; e em terceiro lugar, mas não menos importante, a possibilidade de discutir as contribuições do conceito de comunidade de Martin Bubber como perspectivas de uma espiritualidade laica.

Sendo assim, diversos materiais científicos foram analisados e utilizados para demonstrar o grau de relevância do assunto proposto nesta pesquisa e suas possíveis contribuições para o universo acadêmico.

ESPIRITUALIDADE LAICA: DO QUE ESTAMOS FALANDO?

A dimensão espiritual da vida humana tem sido objeto de estudo em diversos círculos acadêmicos. Muitos grupos de pesquisa interdisciplinar e interinstitucional vêm investigando e organizando dados significativos, fomentando assim a produção de conhecimento no campo acadêmico e, mais recentemente, a possibilidade de materialização desses dados também no mundo do trabalho. Entre esses grupos de profissionais estão: educadores, médicos, teólogos, psicólogos, antropólogos, administradores e outros cientistas, que ultrapassando as barreiras ou vinculações religiosas e eclesiais, procuram dialogar sobre a religião e a espiritualidade humana e sua influência nas instituições a partir de uma abordagem não-proselitista. Tal perspectiva se ancora no pressuposto de que há um núcleo central, aglutinador das várias formas de conhecimento, e que, portanto, estes podem ser “religados”.

Vale salientar que a espiritualidade é uma dimensão essencial na experiência humana. Portanto, analisar esse conceito, relacionando-o com a experiência religiosa e suas interfaces com as demais ciências, poderia nos ajudar a entender o grau de relevância dessas novas descobertas ao contribuir para uma melhor compreensão do indivíduo em sua relação com o ambiente escolar.

Pesquisas feitas em países como Brasil, Canadá e Estados Unidos, buscam provar como a experiência de caráter espiritual ajuda a melhorar a qualidade de vida das pessoas e sua produtividade em sua diversa rede de relacionamento (família, escola e trabalho). A espiritualidade hoje também se apresenta enquanto uma dimensão estratégica, posto conferir significado à missão das instituições, bem como ao trabalho das pessoas. Na medida em que essa consciência é assumida por tais pessoas, os fatores buscados pelos gestores das organizações, como, por exemplo, o desempenho, a motivação, o espírito de equipe, a qualidade e o foco no cliente e a comunicação eficaz, fluem com maior facilidade. O Prof. Dr. Pe. Christian de Paul de Barchifontaine, em sua comunicação no encontro “mundo da saúde” em abril de 2007, comentou:

A espiritualidade nas empresas refere-se em primeiro lugar ao respeito à vida. Isto significa considerar o ser humano na sua totalidade, respeitando e investindo em todas as suas dimensões: física, intelectual, emocional e espiritual; criando uma cultura corporativa sustentada em valores, fazendo com que a ética e os valores humanos universais e espirituais iluminem as decisões, as estratégias, as políticas e todos os relacionamentos da organização. A empresa é um organismo que deve e precisa descobrir a sua dimensão transcendental: a sua identidade, a sua razão de existir e a sua missão. Precisa definir os seus valores e as suas crenças sobre os quais se apoiarão as suas políticas, procedimentos, ações internas e externas.

Nesse sentido, a escola entre outras instituições e organizações, deve compreender que sua construção se dá também através de elementos “transcendentais” que resgatam valores e estimulam a integralidade do ser humano, sendo eles, professores, alunos, pedagogo, secretários e demais membros da comunidade escolar por meio de uma espiritualidade laica.

Espírito Santo (2008) fala de uma Educação interdisciplinar e no exercício da pedagogia como uma arte: arte da vida. Acredita que o professor com atividades simples em sala de aula pode colaborar para o autoconhecimento dos alunos. É importante que saibam quem são, o que sentem, quais suas necessidades, desejos e conectem com o “sagrado” que existe dentro de si. O professor pode ajudar seus alunos a vencerem seus medos, suas culpas, ou seja, colaborar para que reconstruam os seus conhecimentos emocionais. Respeitando a si, enxergam e respeitam o outro e conseqüentemente podem cuidar da sociedade e do mundo que os acolhe.

RELIGIÃO OU ESPIRITUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR?

Neste momento, nos concentraremos nas seguintes questões: o que é espiritualidade? Quando falamos a respeito da espiritualidade, estamos falando de religião? É possível a prática de uma espiritualidade no ambiente escolar? Quais os principais pressupostos? Essas e outras questões nortearão essa fase de nossos estudos.

Na busca pelo significado da religião, o sociólogo Émile Durkheim, em seu livro *As formas elementares da vida religiosa*, considerado por diversos autores como uma de suas principais obras, menciona “que o conjunto das crenças e ritos correspondentes constitui uma religião”. Durkheim, nesse sentido, define religião como “um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, pessoas que a elas aderem” (DURKHEIM, 2003, p. 24).

A espiritualidade, por sua vez, se apresenta dentro de outra perspectiva. O escritor Ed René Kivitz, juntamente com outros grandes pensadores da religião e da espiritualidade, compreendeu que o saldo da modernidade foi o rompimento com as instituições religiosas e o abandono das pessoas à sua própria consciência e à mercê de sua própria liberdade. Assim sendo, a partir da pós-modernidade, a espiritualidade é marcada pela subjetividade individual, livre, portanto, de sua sujeição às organizações sociais religiosas. Segundo Kivitz (2006):

Trata-se de uma dimensão do humano, ou uma experiência humana; pode ser religiosa ou não, isto é, pode se manifestar nos domínios da religiosidade institucionalizada, ou mesmo dentro do espírito da religião, como também no espaço secular despido do espírito da religião, mas, inevitavelmente, diante dos conflitos, terror, fascínio ou angústia do ser humano diante do infinito, a consciência e a experiência de sua própria finitude; expressa-se na busca humana do sentido último de sua existência; concretizando-se na resposta humana às ameaças do ser pelo não-ser; manifestando-se na relação religião-cultura, em que ambas estão interligadas como substância e forma.

Desse conceito de Kivitz surgem questões interessantes. Em primeiro lugar, uma diferença significativa entre religião e espiritualidade; também o fato de que a espiritualidade pode ser compreendida numa perspectiva desinstitucionalizada. Ou seja, a espiritualidade pode ser experimentada no espaço secular, despida de todo apetrecho religioso. O filósofo francês André Comte-Sponville (2007), em seu livro *O Espírito do Ateísmo*, confirma isso ao propor a possibilidade de uma espiritualidade atea, sugerindo que o século XXI se desenvolverá na perspectiva espiritual e laica. Essa perspectiva também pode ser encontrada na proposta de Robert Solomon, em sua obra “Espiritualidade para Céticos”. Solomon (2003, p. 19), ao expor as razões que subsidiam seu livro, expõe:

Minha busca neste livro, entretanto, é de um sentido não religioso, não institucional, não teológico, não baseado em escrituras, não exclusivo da espiritualidade, um sentido que não seja farisaico, que não se baseie em crença, que não seja místico, que não seja acrítico, carola ou pervertido.

Portanto, só é possível uma abordagem da espiritualidade nessas perspectivas, tratando-a como uma dimensão presente em todo o ser humano, mesmo em indivíduos que não possuem um credo religioso e se consideram ateus.

A partir dessa perspectiva, surge uma “espiritualidade laica”, considerada uma “prática religiosa” possível no ambiente escolar. Emerge, portanto, como possibilidade

de diálogo entre a espiritualidade e os diversos setores culturais, além de instrumento de recuperação do sentido da vida, frente às lacunas causadas pela contemporaneidade.

Portanto, para os fins dessa pesquisa, parte-se do pressuposto que afirma a distinção entre religião e espiritualidade. A espiritualidade é algo universal, a religião é particular. Espiritualidade é uma experiência humana, a religião é uma experiência cultural, social, histórica. A espiritualidade é ontológica, a religião é a resposta social a esse dado ontológico. Para tornar essas perspectivas claras no presente texto, utilizaremos uma tabela desenvolvido por Maria J. L. Gonçalves (2011) no qual através de vários autores indica-se a diferença entre religião e espiritualidade.

Tabela 1. *Espiritualidade versus Religião*

| AUTOR, ANO | CONCEITO ESPIRITUALIDADE | CONCEITO RELIGIÃO |
|------------------------|---|---|
| Stephen M. King, 2007 | Consiste na busca do “sagrado” como uma forma de entender a vida, o seu significado e propósito e o efeito que se pode ter sobre o outro, o ambiente e a organização. | Domínio institucional e organizacional, confinados e determinados por crenças, teologias e doutrinas sobre o destino actual e eterno do Homem na sua relação consigo mesmo, com os outros e com Deus. |
| Duchon e Plowman, 2005 | Uma forte procura pelo significado da vida interior. | Sistema de crenças organizado. |
| Kale, 2004 | Não está dependente de qualquer forma de religião. | É uma forma através da qual se pode nutrir, compreender e expressar a espiritualidade. |
| Ian I Mitrof (2003) | Conceitos pessoais e universais, onde há tolerância, mente aberta e pode incluir todos. | Assume uma estrutura formal dogmática que pode dividir as pessoas. |

PRESSUPOSTOS DA ESPIRITUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

O primeiro pressuposto “integralidade”, baseia-se na compreensão integral que aglutina criativamente as várias dimensões do ser humano, inclusive aquela que se inscreve

sob o signo da espiritualidade, pode ser significativamente relevante para as organizações, como Pierce muito bem indicou nas seguintes palavras: “uma tentativa disciplinada de alinharmos nós mesmos e nosso ambiente com Deus e encarnarmos o espírito de Deus no mundo” (PIERCE, 2006, p. 33).

O segundo pressuposto “Ético-moral”, parte da premissa que não há como desassociar a espiritualidade de valores éticos e morais. É perceptível, a partir dos estudos realizados nessa área, que existe uma ligação latente entre o surgimento desse tema nas organizações e o repensar dos valores ambientais e ecológicos a partir dos anos 90. Sobre esse pressuposto, escritores como Stephen Covey (2005, p. 51) compreendem a espiritualidade como “sua essência, seu centro, seu compromisso com seu sistema de valores”. O que significa que esses valores se manifestam em comportamento ético saudável. Tom Morris (1998), em seu livro “a nova alma do negócio”, compreende a ética como “pessoas espiritualmente saudáveis em relacionamentos socialmente harmônicos”.

O terceiro pressuposto “sentido da vida” pode ser melhor pensado por meio da contribuição dos autores Bolman e Deal que mencionam a dimensão da insatisfação presente nos indivíduos quanto à ausência de sentido naquilo que manuseiam: “As pessoas dizem chega. Somos mais do que somente um custo para organização. Temos espírito, temos almas. Temos sonhos. Queremos uma vida que tenha sentido. Queremos contribuir com a sociedade. Queremos nos sentir bem a respeito do que fazemos”².

Como se pode perceber, os principais pressupostos para uma possível interpretação do movimento de espiritualidade no ambiente escolar estão relacionados com a perspectiva da espiritualidade como uma dimensão do ser humano, compreendido em sua integralidade, o que significa incorporar a essa espiritualidade outros elementos normalmente percebidos como alheios a ela, como, por exemplo, a ética, além de pressupor o trabalho como fonte de sentido para o ser, ou seja, pressupor que o indivíduo desenvolve suas habilidades e competências no ambiente escolar como reflexo de sua vocação.

Na tentativa de nos desassociar dos pré-conceitos e posturas superficiais acerca dos processos educacionais, faz-se necessário reafirmar a Educação, como um processo de formação da competência humana, social e política que encontra na espiritualidade uma alavanca possível da intervenção ética e moral da contemporaneidade. Dessarte, a neutralidade frente ao mundo, nesse sentido, é um ato de imoralidade, de entorpecimento da condição humana de possibilidade para o conhecimento.

2 MAHER, L; ASHAR, H. People are saying, that’s enough. We’re more than just a cost to the organization. We have souls. We have dreams. We want a life that’s meaningful. We want to contribute to society. We want to feel good about what we do. Success and spirituality in the new business paradigm. *Journal of management Inquiry*, v.13, n. 3, p. 253. 2004.

Segundo Silva (2017), as principais marcas da intolerância, do preconceito e da violência são cada vez mais visíveis dentro e fora da esfera escolar. Assim, refletir o “entre nós” hoje, em um contexto que reúna as diferenças e permeie de sentido a humanidade desguarnecida de visões empáticas e de proximidade, compreende ver o mundo de maneira englobante e superar a esfera de um solipsismo moral por uma natureza multicultural (o humano, a abertura à pluralidade). Fundamental da existência humana está em crise. O mal, em suas formas visíveis e invisíveis prevalece na negação da alteridade, na brutalidade da violência.

O mesmo autor propõe uma Pedagogia da Alteridade com arcabouço ético-espiritual, propensa à construção do reconhecimento do diferente. Logo, justificada por ser atual e necessária em um mundo marcado pela ojeriza ao diferente, pelo preconceito e a intolerância, tão presentes no ambiente escolar. Acrescenta que: “descrever uma pedagogia transdisciplinar e da faculdade humana, com abertura ao mundo e que permita a aproximação do ente (o discente) às condições de empatia e sensibilidade; daí o significado de uma educação para sabedoria do amor” (SILVA, 2017, p. 33).

Concluimos esta etapa da pesquisa considerando que se é possível pensar uma contribuição da espiritualidade laica no ambiente escolar é fincada nesses pressupostos que além de possibilitarem um enobrecimento do indivíduo em sua relação consigo mesmo, transborda para o seu entorno por meio de relacionamentos saudáveis e significativos.

AMBIENTE ESCOLAR E COMUNIDADE

São muitos os autores que discutem sobre a caracterização da comunidade. Destaca-se, nesta pesquisa, a perspectiva do filósofo Martin Buber, o qual caracteriza a comunidade da seguinte maneira:

Homens se encontram mutuamente na ação mútua [...] que eles se relacionem não pelo fato de possuírem algo em comum (interesses, negócios, trabalho ou qualquer ligação prática ou realização), mas, ao contrário, que se relacionem imediatamente [...]. As centelhas da relação cintilam daqui e dali de pessoa a pessoa. (1982, p.87, 88)

Buber não enxerga os elementos constitutivos da comunidade apenas como instrumentos de interesse e poder. Sobre isso ele acrescenta: “[...] Comunidade significa, aqui e agora, multiplicidade de pessoas, de modo que sempre seja possível para qualquer um que a ela pertença, estabelecer relações autênticas, totais, sem finalidades” (BUBER, 1982, p. 88). A perspectiva buberiana, nesse sentido, pressupõe a superação de uma visão utilitarista do “outro”. Soma-se a essa perspectiva, suas considerações na obra “Eu e Tu”, a partir de onde

pressupõe duas *atitudes* distintas que o homem pode assumir diante do mundo ou diante do ser. É o que chama de palavra-princípio *Eu-Tu* e palavra-princípio *Eu-Isso*.

A primeira se traduz numa atitude de encontro entre dois parceiros, um “pôr-se em relação” com o outro, donde se perceberá uma necessária reciprocidade resultante desse ato essencial. Diferentemente, a segunda diz respeito a uma atitude objetivante de experiência e utilização. Desse modo, enquanto esta é uma atitude cognoscitiva e monológica, aquela se mostra como atitude ontológica, tanto quanto dialógica. Portanto, cada uma dessas atitudes, atualizada por uma das palavras-princípio (*Eu-Tu* ou *Eu-Isso*), aparece como possibilidade ao ser humano, além de fundamentar um modo de existir. Desde que seja fundamento, portanto, não se trata mais de o ser humano ser o condutor da palavra, mas de ser conduzido por ela.

Quanto ao ambiente escolar, é importante considerar que não podemos ser ingênuos quanto à sua ideologia positivista, e, nesse sentido, a prática de uma espiritualidade e os elementos a ela inerentes, em vários momentos se mostrará incompatível com essa concepção de mundo no qual o capitalista e suas demandas são prioridades. Adam Smith filósofo e economista britânico, defendeu a ideia de que a “soma dos egoísmos produz o bem comum”.

Nessa busca desenfreada por lucros no sistema capitalista, onde a rentabilidade e conquista de novos mercados, observou-se que, em contrapartida, houve o desencadeamento de uma crise de significado da escola em diversos. As práticas adotadas pelo mercado capitalista mostraram insuficientes para trazer satisfação e sentido aos indivíduos. E sobre esta lacuna ressurgiu a prática da espiritualidade no ambiente escolar, trazendo em seu íntimo elementos outrora abandonados, como ética, significado, propósito, que agora estão a serviço do indivíduo e da organização.

Assim sendo, vislumbra-se uma Educação que aborde em seu currículo questões importantes para o desenvolvimento do aluno como futuro profissional, mas sem manipulações e manobras que os lesem, segreguem e reprimam. Para isto faz-se necessário uma consciência de luta por uma Educação democrática, nos dizeres de Dussel (2007), onde se ensine e trabalhe, desde a tenra idade a alteridade, solidariedade e libertação. Nesse sentido, a faina consiste por uma Educação que tire de nós o melhor que temos, que acenda as nossas luzes interiores, que nos despertem a consciência para entendermos e lidarmos com nossas fraquezas e deficiências; que nos ensine desde cedo o valor da cooperação, da fraternidade, da solidariedade, da igualdade, da aceitação do diferente, enfim, uma Educação calcada em atitudes espiritualistas.

Sendo assim, trazer os conceitos de comunidade de Buber para a discussão desse tema é um grande desafio. Em primeiro lugar, por que o que Buber compreende por comunidade, em certo sentido, não atende às expectativas do capitalismo e,

consequentemente, nas instituições educacionais. Em segundo lugar, a massa capitalista, em sua grande maioria, desconfia da relevância de elementos “religiosos” no contexto da empresa. Contudo, é de bom tom considerar que as relações “autênticas” e “sem finalidades”, tais como descritas por Buber como caracterização da comunidade, de certa forma ultrapassam não só o contexto das escolas, mas, também, o da religião: dos templos, terreiros, mesquitas, etc. O filósofo judeu fornece, através dos seus conceitos (Eu-Tu e Eu-isso), fundamentos para o estabelecimento de relacionamentos incrementadores do ser no contexto da (“comunidade-escola”).

Cabe salientar que a ideia de Buber sobre comunidade também supera a perspectiva “egoísta” presente no capitalismo, pois para viver comunidade é preciso se “diluir” na comunidade, ou seja, a comunidade só se faz pela limitação da autonomia dos seres, que por desejarem o “ganho” da comunidade, se sujeitam pelo ideal de ser comunidade.

O autor Zygmunt Bauman (2003) em sua obra “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual”, aborda a tensão que existe entre comunidade e individualidade. Bauman afirma que há um preço a pagar pelo privilégio de se “viver em comunidade”, cujo custo é a própria liberdade, autonomia ou “individualidade”. Segundo Bauman qualquer que seja a escolha haverá sempre ganhos e perdas. Nas palavras do sociólogo polonês:

Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito. De qualquer modo, nenhuma receita foi inventada até hoje para esse ajuste. O problema é que a receita a partir da qual as “comunidades realmente existentes” foram feitas torna a contradição entre segurança e liberdade mais visível e mais difícil de consertar. (BAUMAN, 2003, p. 41)

Sendo assim, a espiritualidade na escola se nutre dessa liberdade individualidade criativa que cada pessoa possui de expressar suas virtudes ou habilidades em prol da comunidade escolar. Portanto, o desenvolvimento dessas virtudes e habilidades traz um significado maior para o engajamento. Nesse jeito de ser da comunidade, embora a escolha implique em administrar tensões, talvez nessa trama consista uma interessante proposta de prática da espiritualidade no ambiente educacional.

O filósofo e sociólogo Umberto Galimberti, em sua obra *Rastros do Sagrado*, traz luz sobre o conceito de sagrado, que aqui muito nos interessa. Para Galimberti, o sagrado é compreendido como “separado”. “[...] a sacralidade, portanto, não é uma condição espiritual ou moral, mas uma qualidade inerente ao que tem relação e contato com potências que o homem, não podendo dominar, percebe superiores a si mesmo [...]” (GALIMBERTI, 2003,

p.11) Nesse sentido, o sagrado é isso em relação ao qual nos afastamos, mas, ao mesmo tempo, por ele/ela/aquilo nos sentimos atraídos (*separação e contato*). Ao mesmo tempo em que o profano se apresenta como aquilo que é ordinário, corriqueiro, familiar, comum, o sagrado manifesta-se como o que é extraordinário, inusitado, estranho e especial.

Quando trazemos essa perspectiva para o diálogo proposto por Buber e Bauman, na temática sobre comunidade, percebemos em suas propostas que as relações comunitárias acontecem no maior nível de “destaque” possível do outro, pois o princípio que orienta essa relação é a sacralização do outro. Nesse sentido, o engajamento com o outro em “destaque” é maior, as relações tornam-se especiais, visto que a comunidade é sacralizada.

Quando se pensa na contribuição do movimento de espiritualidade para o contexto escolar, acredita-se numa sacralização do humano tal, que seja capaz de alavancar os processos educacionais, produzindo os objetivos curriculares esperados pela lei, por um lado, como também construindo o ser humano, por outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou ampliar a discussão em torno do tema espiritualidade no ambiente escolar. Iniciamos nossa pesquisa considerando que na modernidade a religião passou por um processo de ressignificação e diluiu-se por territórios desconhecidos até então, apresentou-se em ambientes tradicionalmente não-religiosos e sob formas tradicionalmente profanas de maneira velada.

Sendo assim, a pesquisa desenvolveu a perspectiva de espiritualidade para além de um artefato da religião, concebendo-a como uma dimensão humana. Assim, destituída de qualquer credo religioso a partir do qual poderia ser interpretada, a denominamos como “espiritualidade laica”. Nessa abordagem, centramos nossos esforços em observar que existem elementos naturais presentes a todo indivíduo que podem ser compreendidos como expressão da espiritualidade. Portanto, salientamos que a espiritualidade no ambiente escolar se configura como um novo paradigma com a força de humanizar as instituições educacionais.

A espiritualidade no ambiente educacional - no que tange à sua relevância, contribuição, importância, complicações e desafios, ainda está sendo mensurada nos laboratórios acadêmicos das mais tradicionais linhas de pesquisas. Sendo assim, é um dos temas mais controversos no mundo atualmente, sobretudo quando cotejado com o universo da religião institucional, e, portanto, não foi pretensão desta pesquisa fechar qualquer tipo de questão relacionada ao tema. Sua pretensão se deu na busca por discutir o tema a partir de pensadores ainda não explorados por boa parte de militantes do movimento.

Apresentamos as contribuições de André Comte-Sponville e Luc Ferry como autores que figuram numa linha de pensadores que acreditam, inclusive, na possibilidade de uma espiritualidade atea. Essa possibilidade ameniza o preconceito na recepção do tema e propõe um respeito à diversidade religiosa ou não religiosa presente nas instituições de ensino.

Restringimos na fundamentação teórica os diálogos entre vários autores renomados, entre eles: com Martin Buber, Zygmunt Bauman, Leonardo Boff, René Kivitiz e outros.

O resultado da pesquisa e os diálogos com os pensadores sugerem que o significado da espiritualidade no ambiente da escola deve ser aprofundado, superando a herança dualista presente no mundo ocidental religioso, possibilitando ambientes nos quais os valores éticos possam desenvolver o bem-estar dos colaboradores, oferecendo crescimento individual e coletivo aos profissionais e, assim, potencializando os ganhos da corporação. A escola, de modo geral, tem um papel determinante na formação do ser humano. Assim sendo, a proposta de uma espiritualidade laica respeita a individualidade de cada um em sua orientação religiosa, contudo, acentua a reflexão sobre a necessidade da materialização dessa espiritualidade também no ambiente escolar, como resposta a uma sociedade com lacunas profundas no que diz respeito ao referencial ético, moral, social e espiritual.

Certamente toda reflexão feita por essa pesquisa é norteadada por diversos desafios. Entre eles, o principal é o fato da educação estar a serviço de uma concepção de mundo determinado pelo ideal do positivista. Portanto, essa realidade se coloca como uma “resistência” à abordagem desse tema, o que significa que a reflexão sobre a humanização e espiritualidade acaba se chocando com a perspectiva capitalista.

Sendo assim, a natureza do movimento espiritualidade no ambiente escolar possibilita uma nova dinâmica para os membros da comunidade escolar, conseqüentemente, para a educação em geral. As fontes de sentido sugeridas por essa pesquisa, apesar de num primeiro momento parecerem utópicas, podem ser, na medida do possível, instrumentos auxiliares na reflexão e absorção de uma nova realidade social, educacional e econômica.

Portanto, pensar uma espiritualidade laica no contexto da escola torna os processos educacionais menos burocráticos, intolerantes, preconceituosos e mecânicos. Reestabelece, assim, o significado ao sentido da escola e cria processos e ambientes humanizadores.

REFERÊNCIAS

- BARCHFONTEINE, C.P. **Espiritualidade nas empresas**. O Mundo Da Saúde. São Paulo: abr./jun. n. 31 v.2, p. 301-305, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BOFF, L. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. São Paulo: Ed. Sextante, 2001.
- BOFF. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. 12. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.
- COMTE-SPONVILLE, André. **O Espírito do Ateísmo**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2007.
- COVEY, Stephey. **Os 7 hábitos das pessoas mais eficazes**. São Paulo: Best Seller, 2005.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DUSSEL, Enrique. **20 Teses de política**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- ESPIRITO SANTO, Rui Cezar do. **O renascimento do sagrado na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FERRY, Luc. **A revolução do amor: por uma espiritualidade laica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- GONÇALVES, Maria J. L. **A espiritualidade no local de trabalho e a performance em contexto organizacional português: um estudo empírico**. 2011. 28 f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Gestão) - Universidade de Coimbra, Lisboa, 2011.
- GALIMBERTI, Umberto. **Rastro do Sagrado**. São Paulo: Paulus, 2003.
- KIVITZ, Ed Rene. **Espiritualidade no Mundo Corporativo: aproximações entre a prática religiosa e a vida profissional**. 2006. 48 f. Dissertação de Mestrado em Ciências das Religiões - Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. UMESP: São Bernardo do Campo, 2006.
- MAHER, L; ASHAR, H. People are saying, that's enough. We're more than just a cost to the organization. We have souls. We have dreams. We want a life that's meaningful. We want to contribute to society. We want to feel good about what we do. Success and spirituality in the new business paradigm. *Journal of management Inquiry*, v.13, n. 3, p. 253. 2004.
- MORRIS, Tom. **A nova alma do negócio: como a filosofia pode melhorar a produtividade da sua empresa**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- PIERCE, Gregory. **Espiritualidade no trabalho: 10 maneiras de equilibrar sua vida profissional**. São Paulo: Verus, 2006.
- SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para Céticos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.